

O samba junino e a diversidade de gênero numa manifestação fortemente masculinizada

El samba junino y la diversidad de género en una manifestación fuertemente masculina

Gustavo de Melo¹

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa em andamento que tem como tema central a construção musical do samba junino, apresenta um pequeno esboço histórico e relata os resultados iniciais do trabalho de campo iniciado em 2015, observando, sobretudo, a participação de pessoas do sexo masculino no papel de rainhas do samba.

Palavras-Chave: Cultura afro-brasileira; etnomusicologia; gênero; samba de roda.

Resumen

Este artículo es parte de una investigación en curso que se centra en la construcción musical de samba junino, se presenta una breve reseña histórica y los informes sobre los resultados iniciales del trabajo de campo se inició en 2015, teniendo en cuenta, en particular, la participación de los varones el papel de las reinas de samba.

Palabras claves: Cultura afro-brasileña; etnomusicología; de género; samba de roda.

1. Introdução

Com o tema, “Samba junino: o samba duro e o São João de Salvador”, venho realizando uma pesquisa de campo iniciada em fevereiro de 2016, numa comunidade de Salvador conhecida como Rua Chile da Capelinha, no bairro Engenho Velho de Brotas. Essa manifestação, que se constitui numa vertente do Samba de roda dentro de Salvador-Bahia, surge nos festejos juninos como alternativa primeira para os moradores de bairros periféricos, homens e mulheres que não viajavam para a festa de São João no interior. Eram formados por jovens negros que, de forma espontânea, saíam às ruas tocando instrumentos de percussão como, atabaques, tamborins, marcação, etc., cantando cantigas de Samba de Roda, músicas de forró e até os sucessos das rádios, “arrastando” grande quantidade de pessoas, tudo isso ao ritmo do samba. Eram os “sambões”. Nesse contexto então, criou-se o samba junino, onde as comunidades organizavam grupos com roupas caracteristicamente padronizadas, com músicas

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA); gustavojotamelo@gmail.com

compostas com o tema junino, retratando o universo da festa com o samba². Nesse processo, foi organizado em 1978 o primeiro festival de samba junino no Engenho Velho de Brotas, passando a integrar o calendário de festas no período junino em Salvador, tendo o seu auge na década de oitenta do século XX.

Sob esse contexto inicial, apresento neste texto o resumo de um artigo que investiga um conflito resultante da relação de gênero no samba junino, em particular, o das rainhas do samba junino, posto antes associado, ou melhor, ocupado pelas mulheres e hoje, visto num contexto mais diversificado, atuado por homens. Para isso, trago um pouco da análise etnográfica realizada no Samba Chile, grupo onde atuo como violonista, juntamente com entrevistas e observações que venho fazendo desde janeiro de 2016. O samba junino, que se apresenta como uma manifestação excessivamente masculinizada, em várias situações vista na pesquisa de campo, tem se revelado numa manifestação, cuja figura da mulher está no topo de algumas desses grupos, ocupando lugares privilegiados, seja na coordenação e/ou direção desses grupos, bem como na sua formação. Nessas observações, pude perceber também, a forte presença de transgêneros do sexo masculino como dançarinos, muitas vezes, substituindo o papel que seria das “rainhas do samba”. Como primeiros dados observados, apresento algumas passagens que envolvem essa relação, tanto de fatos ocorridos e registrados através de anotações em diário de campo, bem como em entrevista feita com dois dos personagens do samba junino, uma das mais antigas rainhas “trans” do sexo masculino, e Lazinho, diretor do samba do Morro, samba onde atua essa mesma rainha autodenominada como Poquinho. Nessa entrevista, ela relata alguns casos em que foi vítima de discriminação, tanto por parte de diretores de sambas, quanto por parte das pessoas que frequentavam esses sambas, e também de organizadores dos festivais.

Outros exemplos foram vistos dentro dessa relação de conflito entre os participantes do samba junino e as rainhas “trans”, tanto na forma como são subjugadas pelos músicos, como no caráter simbólico, fonte de inspiração para os compositores. Essa relação, que nem sempre apresenta um caráter violento, assume às vezes, outras configurações, dado que pude observar em um evento promovido pela Liga do Samba Junino³, quando na gravação de um

² Essas informações à respeito do samba junino foram colhidas em entrevistas que venho realizando desde 2015, e em vídeo publicado em 2012 no youtube de um especial produzido pela TVE.

³ A Liga do Samba Junino é uma entidade formada por diversos grupos de samba junino de Salvador e que tem como dirigentes o músico Nonato do samba Mucungê e Reinaldo Nascimento, ex-vocalista do grupo Terra samba.

vídeo feito para um documentário, dentro das atividades feitas para fortalecer o pedido de tombamento do samba junino como patrimônio imaterial, promovido pela prefeitura de Salvador neste mesmo período. Isso ocorreu de forma tumultuada quando foi exigida a retirada da rainha do samba Chile, que é um rapaz, para a entrada de uma mulher. Essa acompanhou a banda na gravação do vídeo, o que gerou certa insatisfação de parte do grupo e levou o rapaz a um enorme constrangimento, sendo ele morador do bairro e residente na Rua Chile da capelinha, participativo e amigo de todos.

Apear do universo aparentemente violento do samba junino, um choque resultante de mundos “opostos/inimigos”, nota-se uma relação construtiva, a partir da própria configuração do samba junino, relação essa, que é a base da transformação e criação da manifestação cultural apresentada, fortemente integrada nas relações sociais de seus atores. (SEEGER, 1992, 88). Minha constatação vem da criação musical inspirada nesses atores, e que, contrariando essa aparente negação, realimenta o samba junino.

Referências

- DÖRING, K. **Cantador de Chula: O samba antigo do Recôncavo**. 1. ed. Salvador, BA: Pinaúna, 2016. 256 p.
- GOMES, R. C. S. A Casa do Samba, o Samba da Rua: relações de gênero, arte e tradição no samba carioca. In: NOGUEIRA, I. P.; FONSECA, S. C. (Org.). **Estudo de Gênero, corpo e música: abordagens metodológicas**. Goiânia, Porto Alegre: ANPPOM, 2013, p. 354 – 379. Série pesquisa em música no Brasil, v. 3.
- LIMA, A. **Uma crítica cultural sobre o pagode baiano: música que se ouve, se dança e se observa**. 1. ed. Salvador, BA: Pinaúna, 2016. 128 p.
- MERRIAN, A. P. **THE ANTHROPOLOGY OF MUSIC**. 1. ed. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1980. 358 p.
- SANDRONI, C. (Coord.). **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília: IPHAN, 2016.
- SEEGER, A. Ethnography of Music. In: ____ **Ethnomusicology: an introduction**. 1. ed. New York, London: W.W. Norton & Company, 1992. cap. IV, p. 88 - 109.